

A ESPERANÇA DE UM PODER QUE NÃO FAÇA SOFRER (Jeremias 39,11-18)

Luciano R. Peterlevitz

O objetivo desse ensaio é observar Jeremias 39,11-18 na relação com os textos que o antecedem e com os que o seguem. Averiguar-se-á a seguinte questão: será que podemos encontrar uma idealização de um poder que não faça sofrer, em contraponto ao poder estatal judaíta, que tanta consternação causou aos profetas, inclusive a Jeremias? Vamos à tarefa, na tentativa de responder positivamente a essa pergunta!

¹¹E ordenou Nabucodonosor, o rei da Babilônia, sobre Jeremias, a Nabuzardã, chefe dos guardas: ¹²“Toma-o e coloca teus olhos sobre ele, e não lhe faças mal algum, mas como ele falar para ti, assim farás com ele”. ¹³E enviou Nabuzardã, o chefe dos guardas, e Nabusezbã, o chefe dos eunucos e Nergalsareser, o chefe dos magos, e todos os chefes do rei da Babilônia. ¹⁴E soltaram e retiraram Jeremias do pátio da guarda, e entregaram-no a Godolias, filho de Aicam, filho de Safã, para levá-lo para casa. E (Jeremias) habitou no meio do povo.

¹⁵E a Jeremias aconteceu a palavra de Javé, quando ele estava preso no pátio da guarda: ¹⁶“Vai e dize para Ebed-Melec, o cuchita: ‘Assim disse Javé dos Exércitos, o Deus de Israel: Eis que vou cumprir as minhas palavras contra esta cidade, para a maldade e não para a bondade, e elas acontecerão diante de tua face naquele dia. ¹⁷Mas eu te salvarei nesse dia, oráculo de Javé, e não serás entregue nas mãos dos homens, diante dos quais tu temes. ⁸Porque certamente eu te farei escapar, e na espada não cairás, e terás para ti tua vida para despojo. Porque confiaste em mim, oráculo de Javé.’”

1. A forma

Nossa primeira tarefa é demonstrar a estrutura frasal de Jr 39,11-18, delimitando-o em relação ao conjunto maior (caps. 37-45) e observando sua dinâmica interna.

De início, afirmamos que os v. 11-14 e os v. 15-18 formam duas subunidades literárias distintas. Vejamos como isso acontece.

O v. 11 relaciona-se com a subunidade anterior (39,1-10). O “e” junto ao verbo inicial parece indicar uma seqüência: “e então¹ (ordenou)”. Além disso, os v. 1-10 e v. 11-14 aludem a uma mesma situação: a tomada de Jerusalém pelas tropas babilônicas. O v. 10 mencionou o “povo”, e o final o v. 14 alude à estada de Jeremias “no meio do povo”. Há, pois, continuação entre os v. 11-14 e v. 1-10. No entanto, se os v. 1-10 alu-

1. Veja Kelly Page, *Hebraico bíblico – Uma gramática introdutória*, tradução de Marie Ann Wangen Krahn, São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 178.

dem à tomada de Jerusalém pelos babilônicos, os v. 11-14 estão a especificar a situação de Jeremias durante essa tomada. Assim, a partir do v. 11, inicia-se uma nova subunidade de sentido.

Há um corte entre o v. 14 e o v. 15. A partir desse último verso lemos sobre a estada de Jeremias no “pátio da guarda”, que antecedeu a tomada de Jerusalém (38,7-13 e 38,14-28, em especial os v. 13 e v. 28). Os v. 15-18 aludem, pois, a um oráculo de Jeremias quando ele estava no “pátio da guarda”, arremessando-nos a uma situação anterior àquela dos v. 1-10 e dos v. 11-14. Poder-se-ia afirmar que os v. 15-18 deveriam seguir a 38,13² ou 38,28³.

Em 40,1-6 principia uma nova subunidade. Há uma descontinuação entre 39,18 e 40,1, já que este último acena para uma situação semelhante àquela de 39,11-14. E o final do v. 14 se aproxima do final de 42,6.

Portanto, é preciso aproximar 39,11-14 de 40,1-6⁴ e 39,15-18 de 38,7-13. Dito isso, não somente estou a fundamentar a afirmação de que os v. 11-14 e v. 15-18 formam duas subunidades distintas, mas também a observar que os v. 15-18 estão num lugar de destaque. Dessa forma, a palavra dirigida a Jeremias nesses versos, as quais anunciam a destruição da “cidade” (v. 17), foi cumprida em 39,1-10. Tal cumprimento é reconhecido em 40,2-3, num tom que se aproxima de 39,16. Também a libertação anunciada a Ebed-Melec, em 39,17-18, se relaciona com a libertação de Jeremias em 39,11-14 e 40,5-6. Então, 39,15-18 refere-se à palavra de Javé, a qual prometeu destruição a Jerusalém e livramento aos servos de Javé, enquanto que 39,1-10 + 11-14 e 40,1-6 apontam ao cumprimento de tal palavra.

Além disso, a história sobre Ebed-Melec está no centro do relato sobre a tomada de Jerusalém. Realça-se, dessa forma, seu livramento de tal catástrofe. Ele creu em Javé nas circunstâncias do sítio de Judá⁵. Portanto, 39,15-18, além de indicar a realização da “palavra de Javé”, também contrapõe o livramento de Ebed-Melec à destruição de Jerusalém.

Constataremos, agora, a seqüência interna dos v. 11-14 e v. 15-18. O v. 11 é uma ordem de Nabucodonosor a Nabuzardã, quanto a Jeremias. Pressupõe-se o cárcere do profeta. O v. 12 refere-se ao conteúdo da ordem do v. 11. É a fala do rei da Babilônia, que ordena o livramento do profeta. O v. 13 relata um envio. O “e” junto ao verbo inicial supõe uma continuação entre ele e o v. 12. Assim, a ordem de Nabucodonosor (v. 11-12) começou a ser cumprida com o envio dos oficiais babilônicos à Palestina (v. 13). O v. 14, por sua vez, refere-se à ação dos oficiais babilônicos e, por último, à ação

2. Luis Alonso Schökel e José Luis Sicre Diaz, *Profetas I – Isaías, Jeremias*, tradução de Anacleto Álvarez, São Paulo, Paulinas, 1988, p. 620 (Coleção Grande Comentário Bíblico); William L. Holladay, *Jeremiah 2 – A commentary on the book of the prophet Jeremiah chapters 26-52*, Minneapolis Fortress Press, 1989, p. 290.

3. R.K. Harrison, *Jeremias e Lamentações – Introdução e comentário*, tradução de Hans Udo Fuchs, São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1980, p. 126.

4. Sobre os descompassos entre 39,11-14 e 41,1-6, veja John Skinner, *Jeremias – Profecia e Religião*, traduzido por Ruben Alves, São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos/ASTE, 1966, p. 251-254.

5. William L. Holladay, *Jeremiah 2*, p. 291.

de Jeremias, o que também aponta à autonomia do profeta. E a libertação do profeta (v. 14) parece ser resultado daquilo que ele poderia pedir (v. 12). Assim, o v. 12 pressupõe o v. 14!

Vamos à subunidade seguinte, os v. 15-18. O v. 15 refere-se à “palavra de Javé” e à situação de Jeremias. O v. 16a menciona o destinatário da palavra, Ebed-Melec. Na seqüência observa-se o ‘dito do mensageiro’ (v. 16b). Este dito se estende do v. 16b ao v. 18. O v. 16b é fala de Javé. Trata-se de uma ameaça “contra esta cidade” (Jerusalém) e seu cumprimento. O v. 17 é a continuação do dito. Ainda é Javé quem fala, mas muda-se a tônica: agora, a palavra é uma promessa, direcionada ao destinatário do v. 16a. Essa promessa continua no v. 18. Aí há, no entanto, um novo elemento: a fé do destinatário, que justifica a promessa de Javé.

2. Conteúdos

Tendo observado a forma de Jr 39,11-18, analisaremos, agora, seu significado. Assim, entender-se-á o conteúdo através da forma. E, como já demonstramos, esse texto compõe-se por duas subunidades literárias. Portanto, convém analisarmos-as em separado.

A libertação de Jeremias (v. 11-14)

O v. 11 alude à situação de Jeremias ante o poderio babilônico. Inicia-se relatando uma ordem de Nabucodonosor, que será citada no v. 12. Jeremias está nas mãos do poder babilônico. Isso é confirmado pelo v. 12. Aí se lêem duas sentenças iniciais, cada qual com dois imperativos: “toma-o” e “coloca teus olhos sobre ele”. Esses dois verbos estão a indicar que Jeremias está sob o poder babilônico.

Mas, na seqüência do v. 12, deparamo-nos com uma surpresa. Trata-se de duas frases. A primeira é uma negativa: “e não faças para ele mal algum”. A segunda é uma afirmativa: “mas como ele falar/pedir para ti, assim faze com ele”. Contrapõe-se, assim, um “não faças” e um “faze” (o que Jeremias “falar”, “pedir”). Assim, observo um contraponto entre o v. 11 + início do v. 12, e o fim do v. 12. Naqueles se percebe que Jeremias estava sob o poderio babilônico, sob seus “olhos”. Mas, no fim do v. 12, se diz que o oficial babilônico faria o que Jeremias dissesse. O profeta está sob o poder babilônico, mas pode pedir! Ele tem autonomia.

O v. 13 trata do envio dos oficiais babilônicos à Palestina. E o v. 14 pressupõe a chegada desses oficiais. Relata-se a libertação de Jeremias: “e soltaram e retiraram Jeremias do pátio da guarda”. O verbo “soltar”/“enviar” parece ter o sentido de “deixar livre”, “deixar solto”⁶. Na seqüência, o verbo “tomar” também significa “arrebatar”, “tirar”. E esse parece ser o significado aqui. Jeremias foi solto e retirado do “pátio da guarda”, lugar onde estava durante o reinado do judaíta Sedecias (38,13.28). Mas, a

6. Nelson Kirst, Nelson Kilpp, Milton Schwantes, Acir Raymann e Rudi Zimmer, *Dicionário hebraico-português e aramaico-português*, São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 16ª edição, 2003, p. 252.

grande surpresa do v. 14 está no seu final: “e habitou no meio do povo”. A subunidade encerra-se com essa frase que também se encontra no final de subunidades anteriores, aludindo à situação na qual o profeta se encontra. Ele é o sujeito da frase, de sua própria vida! Assim, a autonomia do profeta, que no início estava encerrada sob o poderio babilônico (v. 11-13), encontra sua expressão máxima no final do v. 14. Ele vive em meio ao “povo”, à população.

A liberdade do profeta, sua ida a Godolias e sua habitação entre o povo parecem ser resultado de sua “fala” (final do v. 12). Pressuponho que a possibilidade do pedido do profeta, no final do v. 12, concretizou-se, em realidade, no v. 14. Portanto, julgo que sua liberdade foi fruto de um pedido. Observo ainda uma relação contraposta entre essa atitude dos babilônicos e a atitude dos judaítas (38,1-6). Esses prendem Jeremias; aqueles o libertam.

Assim, há esperança de um poder que não faça sofrer! Exercita-se a utopia de um poder que não anule a fala do profeta e sua opção de viver entre os pobres.

Promessa de libertação para Ebed-Melec (v. 15-18)

A subunidade seguinte (v. 15-18), como vimos, arremessa-nos à situação anterior à tomada de Jerusalém. No v. 15 lemos que Jeremias estava preso “no pátio da guarda” (uma espécie de casa de detenção⁷). No v. 16a, lê-se dois imperativos dirigidos a ele: “vai” e “dize”. Na seqüência, designa-se o destinatário da mensagem, Ebed-Melec, cujo nome significa “servo do rei”. Este era, portanto, um servo etíope do rei judaíta, que tirara Jeremias da cisterna (Jr 38,7-13).

Os v. 16b-18 são fala de Javé. Trata-se de um dito, principiado por um ‘dito do mensageiro’: “assim disse Javé”. O v. 16b é uma ameaça contra “esta cidade”, Jerusalém (37,8; 38,3). Elas vão se “cumprir”, “para a maldade e não para a bondade”. E de fato essa “maldade” aconteceu (41,2-3a; cf. 39,1-10). No entanto, a “bondade” estaria reservada para alguns (40,9), inclusive para Ebed-Melec: “e elas acontecerão diante de tua face naquele dia”. Ele presenciaria o cumprimento da palavra de Javé, pressupondo, assim, que ele não seria atingido pela “maldade”.

Nos v. 17 e 18, lemos a promessa a Ebed-Melec, que se contrapõe às “palavras contra esta cidade” (v. 16c). No v. 17 a frase “mas eu te salvarei nesse dia” se explica pela frase subsequente: “e não serás entregue nas mãos dos homens, diante dos quais tu temes”. Os “homens” parecem ser os babilônicos⁸. Compreende-se o “temor”/“receio” de Ebed-Melec, pois ele era “servo do rei” (de acordo com o significado do seu nome), o que possibilitava seu cativeiro pelos babilônicos, como aconteceu com o rei judaíta e seus oficiais. Mas, o “dia” de “maldade” para Jerusalém e seus líderes seria para Ebed-Melec um dia de salvamento (final do v. 16 e início do v. 17). O “servo do rei” não teria o mesmo destino que o rei! Ademais, o conteúdo da promessa de Javé

7. Robert P. Carroll, *Jeremiah*, Philadelphia: Westminster Press, 1986, p. 696 (The Old Testament Library).

8. Contra Robert P. Carroll, *Jeremiah*, p. 696.

nos vv. 17-18, que alude ao livramento das “mãos dos homens” (v. 17), ao livramento da “espada” e a promessa da “vida” (v. 18), parecem contrastar à situação de Sedecias e da cidade (38,18-23; 39,4-9). Algo semelhante acontece noutra circunstância: esse mesmo conteúdo é posto como alternativa em 42,7-22 e 44,11-14 e como promessa em 45,4-5.

A penúltima frase do v. 18 continua a indicar o livramento de Ebed-Melec: “e terás para ti a tua vida para despojo”. O “despojo” indica a pilhagem ou a tomada da presa de guerra. Os babilônicos tomariam como despojo muitos utensílios de Jerusalém, mas não a “vida” de Ebed-Melec. Aqueles eram sujeitos da história, do momento, mas não da vida daquele etíope. Assim, exercita-se a esperança de um poder imperialista que não tenha poder sobre a vida!

E, ainda aludindo à situação favorável de Ebed-Melec, está o final do v. 18: “porque em mim confiaste”. Aqui está o ponto culminante da subunidade. Fundamenta-se a promessa. A forma verbal “confiaste” “expressa aquele sentido de bem-estar e de segurança resultantes de possuir algo ou alguém em quem depositar confiança”⁹. Enfatiza-se, portanto, o sentimento de estar salvo. E isso faltou ao rei judaíta Sedecias e a “esta cidade” (v. 16c). A fé livra da “desgraça” (v. 16), das “mãos dos homens” violentos (v. 17), da “espada” (v. 18), e resulta na “vida” (v. 18). Então, a fé em Javé é o elemento que livra do poder que faz sofrer e que traz segurança e bem-estar.

Conclusão

Jr 39,11-18 compõe-se por duas subunidades, sendo a primeira formada pelos vv. 11-14 e a segunda pelos vv. 15-18. Os primeiros evidenciam um paradoxo: Jeremias está sob o poder babilônico, mas é o sujeito de sua vida. Os vv. 15-18, por sua vez, apresentam a figura de Ebed-Melec contraposta a Jerusalém. Um etíope seria salvo por sua fé, ao contrário do rei judaíta e de seus oficiais. Portanto, esses dois subconjuntos anunciam a ruína do poder que faz sofrer, propondo o livramento daquele que confia em Javé. *Exercita-se a esperança por um poder que não faça sofrer!*

Luciano R. Peterlevitz
Avenida João Pessoa s/n
Centro
Nova Odessa/SP
13460-000

luciano.peterlevitz@itelefonica.com.br

9. John N. Oswald, “*baṭaḥ*”, em *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento* (Laird Harris, Gleason L. Archer e Bruce K. Waltke, editores), tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto Sayão e Carlos Osvaldo Pinto, São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 169.